

# Broca de aço é usada em cirurgia

■ Operação foi realizada no Hospital de Base e os instrumentos cirúrgicos comprados em uma loja de

FELIPE PATURY

Uma broca para perfurar aço e outra para parede foram usadas pelo médico Valdenor Bezerra na reconstituição do fêmur do feirante Jarbas Bezerra Carvalho, numa cirurgia inédita realizada no Hospital de Base de Brasília. O método pouco ortodoxo foi aplicado no primeiro portador conhecido na cidade de picnodiostose — doença rara que se caracteriza pela ausência quase total de medula óssea em todos os ossos. Passadas mais de 24 horas desde a operação, Jarbas passa bem, não sente dor e deve ter alta já na próxima semana. "Minha mãe pulou de alegria quando me viu depois", disse, satisfeito, o feirante.

Segundo Valdenor Barbosa, a picnodiostose faz com que os ossos sejam maciços, quebradiços e mais pesados que os de uma pessoa normal. Por isso, o ortopedista não optou por uma cirurgia tradicional, com parafusos para fixar uma haste metálica ao longo do fêmur. Para ele, esse método poderia esfarelar o osso durante a operação. Assim, o cirurgião colocou a haste no interior do fêmur, através do método *kuntchner*.

Valdenor enfrentou então um problema aparentemente inconfundível: como a doença é rara a indústria de instrumentos cirúrgicos não produz brocas capazes de perfurar ossos como os de Jarbas. Ele resolveu o impasse na Casa dos Parafusos, uma loja de ferragens. Comprou uma broca de aço de corte rápido de metais, de 11 centímetros de comprimento e 7 milímetros de diâmetro, e outra para parede, de 12 centímetros e 8 milímetros de diâmetro. Mandou amolar as brocas no Alemão das Rodas, um torneiro mecânico da Asa Norte, e usou ainda uma fradeira.

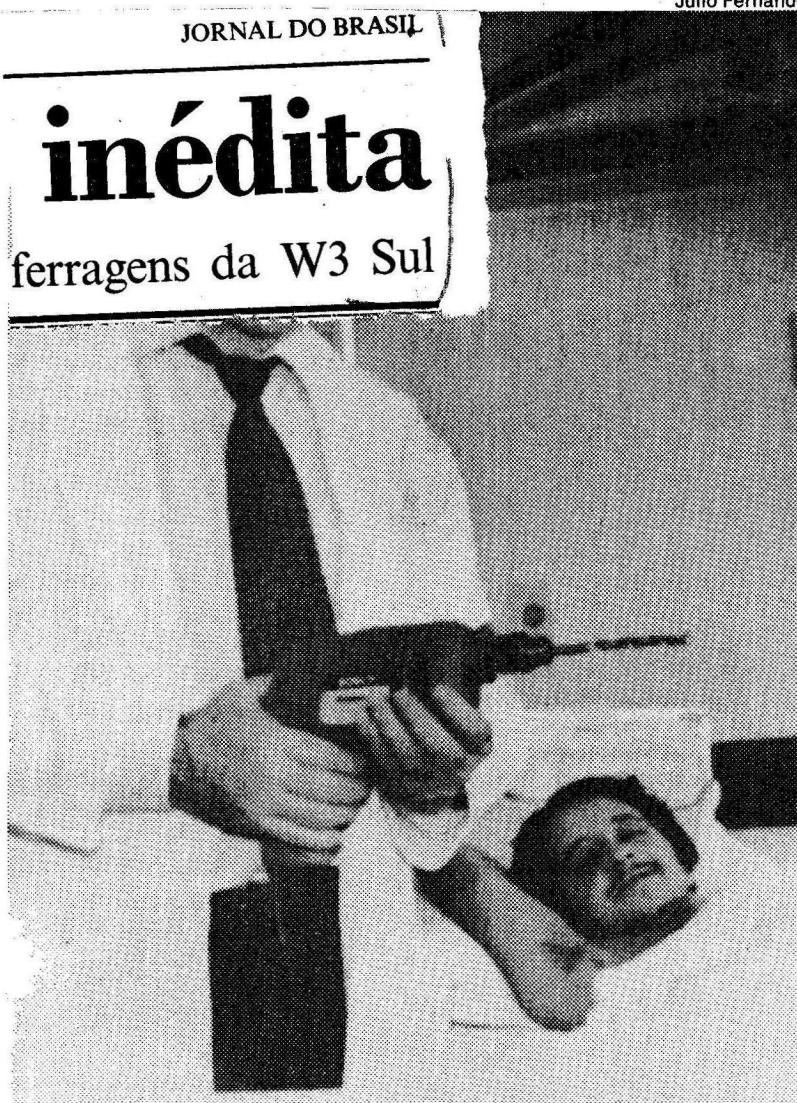
Na operação, de três horas, Valdenor usou a broca de aço para perfurar o osso e a de parede para alargar o furo. O médico implantou na cavidade do fêmur uma haste metálica e engessou o paciente até a cintura.

O conhecimento da doença, descoberta em 1962, ainda é pequeno entre os médicos de Brasília. Para o

JORNAL DO BRASIL

Julio Fernandes

## inédita ferragens da W3 Sul



Valdenor e Jarbas ficaram satisfeitos com a operação

## O que é doença marmórea

A picnodiostose ou doença marmórea é um mal hereditário que atinge a médula-óssea, presente em todos os ossos do corpo e onde o sangue é produzido. Há suspeitas de que a enfermidade ataca principalmente filhos de casamentos entre parentes próximos, que já nascem com a anomalia. O feirante Jarbas Carvalho, que foi operado no Hospital de Base na terça-feira, é filho de primos-irmãos. Segundo o médico Afonso Henriques Fernandes, do Hospital Geral Ortopédico, a literatura médica não registra mais de 100 casos da deformidade. Para ele, a probabilidade de nascer um portador da doença marmórea é menor que um em cada 1 milhão de pessoas.

O conhecimento da doença, descoberta em 1962, ainda é pequeno entre os médicos de Brasília. Para o

ortopedista Afonso Fernandes, um dos problemas comuns causados pela doença é a implantação anormal de dentes. Já o dentista Airton Toledo, da Universidade de Brasília, relata o caso de um paciente, de 15 anos, que tem dentição normal. De acordo com Toledo, os enfermos costumam ter alterações no crescimento e podem, eventualmente, sofrer envelhecimento precoce.

As vítimas da doença são baixas, como Jarbas, que mede 1,55 metro. Também é comum os enfermos terem a cabeça maior e a face pequena, principalmente a mandíbula, o que colabora para uma fisionomia anormal. O médico Valdenor Barbosa, que operou o feirante, conseguiu estabelecer o diagnóstico através de uma simples análise do seu biotipo e das radiografias do fêmur fraturado.

## Colegas apóiam a experiência

A utilização de brocas para perfuração de aço e paredes na cirurgia de reconstituição do fêmur do feirante Jarbas Bezerra Carvalho não fere a ética médica nem é contrária aos princípios da profissão. A opinião é unânime entre os médicos consultados pelo JORNAL DO BRASIL. "A boa recuperação do paciente significa que o médico foi correto do ponto de vista ético e médico", elogia José Bonifácio Alvim, do Conselho Regional de Medicina do Distrito Federal.

Os médicos ressalvam, porém, que esta prática deve ser acompanhada de rígido controle de limpeza e esterilização dos instrumentos alternativos. José Bonifácio Alvim relata que esses cuidados nem sempre são tomados e que o conselho já recebeu denúncias de cirurgia feitas com brocas sujas de graxa. Já para Airton Toledo, vice-diretor da Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília, "é louvável o esforço de procurar os instrumentos necessários fora do hospital".

**Sacerdócio** — Logo que conheceu o caso do feirante, o ortopedista Valdenor Barbosa evitou que outros médicos do Hospital de Base lhe dessem alta, mesmo sem o paciente estar próximo à cura. "Ninguém tinha coragem de me operar", conta Jarbas Carvalho. Segundo o ortopedista, o tratamento que estava sendo aplicado há mais de 50 dias no feirante provocaria, na melhor das hipóteses, a cicatrização irregular da fratura, com um encurtamento da perna de até oito centímetros. Com a cirurgia, ele voltará a andar normalmente.

Reunidos numa sala do hospital, os pacientes de Valdenor Barbosa atestam a habilidade do médico. O próprio Valdenor conta, sem modéstia, que salvou vários pacientes da amputação, um dos recursos comuns em casos de fraturas graves. Um dos seus casos foi o de um professor com seis fraturas em diferentes partes do fêmur, que voltou a andar.